



Garça Azul



Duas Vezes João Liberada



Democracia Sob Cerco



Aurora 15



Maya Me Dê um Título



Cadernos Negros



Duas Estações, Dois Estranhos

GARÇA-AZUL (“Blue Heron”), de **Sophy Romvary** (Canadá/ Hungria): Um painel de angústias geracionais, este drama sobre amadurecimento e aceitação familiar rasga corações ao falar de desamparo. Tudo se passa no fim da década de 1990, quando Sasha, de oito anos, e sua família de imigrantes húngaros, mudam-se para uma nova casa, em Vancouver. Seu recomeço é interrompido pelo comportamento cada vez mais perigoso de Jeremy, o filho mais velho, que esbanja desconforto diante do Novo Mundo.

DEMOCRACIA SOB CERCO (“Democracy Under Siege”), de **Laura Nix** (Bélgica/ EUA): Pontuado pelos comentários políticos afiados e bem-humorados da cartunista Ann Telnaes, a partir de sua visão privilegiada de Washington, D.C., este documentário expõe a complexa história e os desafios do sistema político mais influente do mundo, em um dos momentos mais extremos e decisivos da democracia americana em seus quase 250 anos de existência.

MAYA, ME DÊ UM TÍTULO (“Maya, Donne-Moi Un Titre”), de **Michel**

Gondry (França): O mestre do videoclipe resolve apostar na animação, fazendo um experimento nas raías da colagem, estruturado como uma carta de amor à sua filha. Faz dela personagem, numa reflexão sobre como as crianças reinventam a realidade a partir de referências banais do cotidiano.

CARACOL BRANCO (“White Snail”), de **Elsa Kremser e Levin Peter** (Áustria): Vencedor do prêmio de melhor atuação (dado à dupla Marya Imbro e Mikhail Senko) no Festival de Locarno, onde ganhou ainda o Prêmio Especial do Júri. Em seu enredo, uma modelo bielorrussa, que sonha com uma carreira na China, se envolve com um homem solitário e misterioso, que trabalha no turno da noite em um necrotério. Esse encontro transforma sua percepção sobre corpo, beleza e mortalidade.

ROSEMEAD, de **Eric Lin** (EUA): Lucy Liu dá um passo além nesta carreira numa produção com cheiro de Oscar, laureada com o Prêmio do Público em Locarno. Situado no coração do San Gabriel Valley, com base numa história real, o filme é a

saga de uma imigrante chinesa com doença terminal que descobre a perturbadora fixação de seu filho adolescente por tiros em massa. À medida que sua saúde se deteriora, ela toma medidas cada vez mais desesperadas - e moralmente complexas - para protegê-lo e enfrentar as trevas que o atraem.

ABAIXO DAS NUVENS (“Sotto Le Nuvole”), de **Gianfranco Rosi** (Itália): Nápoles luta contra duas ameaças vulcânicas: o Vesúvio e o Campi Flegrei. Em meio a tremores cada vez mais intensos, arqueólogos trabalham enquanto os moradores vivem ansiosos, assombrados pelo destino que outra cidade, Pompeia, teve no passado, ao ser arrasada pela lava. O desafio do povo napolitano é contar com a eficácia dos serviços de emergência, que se esforçam como podem, mas nem sempre vencem as demandas.

AURORA 15, de **José Eduardo Belmonte** (Brasil): Exercício do diretor de “Gorila” (2012) e “Quase Deserto” (2025) pelas veredas da fantasia, com Carolina Dieckmann e Marjorie Estiano. Um jovem casal se muda para a

casa dos sonhos. Quando estão prestes a assinar o contrato com a corretora, um senhor e sua filha adolescente invadem o espaço, alegando estarem sendo perseguidos por dois homens armados com a intenção de matar a menina. A noite logo chega e a menina já não possui mais a forma humana.

DUAS VEZES JOÃO LIBERADA, de **Paula Tomás Marques** (Portugal): A partir das vivências de um corpo avesso ao binarismo histórico, inconformado com o dito “determinismo biológico”, este experimento poético festeja o desejo de pessoas que almejam ser as profetas de suas próprias histórias, embora a Inquisição cruze seu caminho.

CADERNOS NEGROS, de **Joel Zito Araújo** (Brasil): Um dos pilares da luta antirracista no audiovisual das Américas, o realizador volta a se embrenhar pela não ficção, evocando a prosa de Carolina Maria de Jesus (1914-1977), para contar a história da séria literária criada em 1978 em São Paulo. É um olhar para a peleja da população negra para afirmar sua voz na arte da escrita.

O DIA DE PETER HUJAR (“Peter Hujar’s Day”), de **Ira Sachs** (EUA): Este drama afetivo sobre cumplicidade lotou sessões na Berlinale e brilhou em Sundance, ampliando o prestígio de um profissional brasileiro, seu montador, o paulista Affonso Gonçalves, que editou “Ainda Estou Aqui”. Essa reconstituição da cena cultural nova-iorquina da década de 1970, centra-se no convívio entre a escritora Linda Rosenkrantz e o fotógrafo Peter Hujar (1934-1987), vividos por Rebecca Hall e Ben Whishaw.

DUAS ESTAÇÕES, DOIS ESTRANHOS (“Two Seasons, Two Strangers”), de **Sho Miyake** (Japão): Ganhador do Leopardo de Ouro de Locarno, em 2025, esta produção trava um diálogo com as HQs de Yoshiharu Tsuge, um mestre dos mangás. No enredo do longa, o casal Nagisa e Natsuo se encontra à beira-mar. Engatam um esboço de romance trocam palavras constrangedoras e entram no oceano encharcado pela chuva. Essa porção do longa se passa num verão. Já no inverno, Li, uma roteirista, viaja para uma vila coberta de neve. Lá, ela encontra uma pousada administrada pelo taciturno atendente chamado Benzo. Suas conversas raramente se conectam, mas eles partem em uma aventura sentimental inesperada.